

## Índice

Início: Deixem-me divagar	7
Livro I. Primeiro <i>Geng</i> : Os pássaros selvagens penetram nas mentes das pessoas	15
Livro II. Segundo <i>Geng</i> (Primeira Parte): Os pássaros voam à toa	33
Livro III. Segundo <i>Geng</i> (Segunda Parte): Os pássaros constroem um ninho	71
Livro IV. Terceiro <i>Geng</i> : Os pássaros põem ovos	91
Livro V. Quarto <i>Geng</i> (Primeira Parte): Os pássaros chocam os ovos	113
Livro VI. Quarto <i>Geng</i> (Segunda Parte): Nasce uma ninhada de passarinhos	139
Livro VII. Quinto <i>Geng</i> (Primeira Parte): Pássaros e passarinhos voam por todo o lado	165
Livro VIII. Quinto <i>Geng</i> (Segunda Parte): Uns estão mortos e outros vivos	191
Livro IX. Pós- <i>Geng</i> : Todos os pássaros morrem no coração da noite	217
Livro X. Sem <i>Geng</i> : Um pássaro continua vivo	243
Livro XI. Ascensão: O último pássaro voa para longe	271
Fim: Que mais há a dizer?	299
Glossário de termos chineses	313
Notas de tradução	315

## Início: Deixem-me divagar

Ei! Estão todos aí? Algum de vocês pode vir ouvir-me divagar?

Ei! Espíritos! Venham ouvir-me, se não estiverem muito ocupados... Estou ajoelhado no ponto mais alto da serra de Funiu, conseguem ouvir-me, certo? Não vão ficar irritados por causa dos gritos de um miúdo idiota, pois não?

Ei! Venho aqui em nome de uma aldeia, em nome de uma pequena vila, em nome de uma serra e do mundo. Ajoelho-me aqui, perante os céus, porque tenho algo para vos contar. Espero que tenham paciência para me ouvirem divagar, para me ouvirem gritar. Não se irritem, não se inquietem. Este é um assunto maior do que o céu e a terra.

Morreu muita gente na nossa aldeia. Morreu muita gente na nossa vila. Na nossa serra de Funiu e no mundo além dela, durante o sonho daquela noite, morreram tantas pessoas quantas espigas de trigo foram ceifadas. Já os sobreviventes, que foram deixados a definhar miseravelmente na serra e no mundo, são tão poucos quantos os grãos de trigo que agora germinam nos campos. A aldeia e as crianças, a serra e o mundo, todos os seus corações, baços e fígados são como sacos de papel cheios de sangue. Ao mínimo descuido, o saco rompe-se e o sangue é derramado. A vida é interrompida, como uma gota de água no deserto, ou como uma folha caída na floresta durante um inverno rigoroso.

Espíritos! Espíritos dos homens! Esta aldeia, esta vila, esta serra e este mundo já não conseguem aguentar mais nenhum pesadelo. *Bo-*

*dhisattvas!* Senhor do Céu! *Arhats* e Imperador de Jade! Peço-vos que abençoem e protejam esta aldeia e esta vila. Abençoem e protejam esta serra e este mundo. É por esta aldeia, por esta vila e pela sua gente que me ajoelho neste cume. É por que os vivos continuem vivos que me ajoelho neste cume. É pelas colheitas, terras, sementes, ferramentas agrícolas, ruas, zonas comerciais e toda a azáfama que me ajoelho neste cume. É pelo dia e pela noite que me ajoelho neste cume. É por que as galinhas continuem a ser galinhas e os cães continuem a ser cães que me ajoelho neste cume. Vou contar-vos com toda a honestidade e até ao mais ínfimo detalhe tudo o que aconteceu naquela noite e naquele dia. Se aqui ou ali houver alguma imprecisão ou se disser algo de errado, isso não quer dizer que eu seja um miúdo desonesto, é só porque estou demasiado agitado. É que a minha mente está num estado de constante confusão, como se estivesse cheia de lama. Sempre fui um pouco estúpido e tenho o hábito de estar constantemente a falar. Quer esteja alguém por perto ou não, estou sempre a falar sozinho e a murmurar frase após frase, meia frase após meia frase, muitas vezes sem que tenham qualquer ligação entre elas. É por isso que as pessoas da nossa aldeia me chamam de Niannian Idiota... Niannian Idiota. Por ser idiota, não sou capaz de encontrar o fio condutor desta história confusa. Por isso, sou obrigado a contar-vos a história aos bocados, o que só me faz parecer ainda mais idiota. No entanto, peço-vos, ó espíritos! *Bodhisattvas*, *Arhats*, Senhor do Céu e Deus! Não me tomem como sendo um verdadeiro idiota. Por vezes, a minha mente é lúcida. Lúcida como uma fonte de água, como um vasto céu azul. Neste momento, por exemplo, é como se uma claraboia se tivesse aberto na minha cabeça. Consigo ver o céu. Consigo ver a terra. Consigo ver a verdade dos acontecimentos daquela noite. Todo e cada detalhe surge agora perante os meus olhos, na minha mente. Consigo até encontrar as agulhas e sementes de sésamo caídas na escuridão daquela noite.

O céu está tão azul e as nuvens tão próximas. Aqui ajoelhado, consigo ouvir o som dos meus cabelos a pairarem no ar e o barulho que fazem ao chocarem uns contra os outros. Consigo ouvir o som das nuvens a atravessarem o céu por cima da minha cabeça. Consigo ver o ar à minha frente a afastar-se lentamente, como um fio puxado

desde o interior dos meus olhos. Tudo está tranquilo. O Sol brilha. O ar e as nuvens emanam um cheiro semelhante ao do orvalho matinal iluminado pelo Sol. Estou ajoelhado, calmamente ajoelhado no cimo desta montanha. Estou apenas eu aqui. Estou apenas eu no mundo inteiro. Apenas eu e as plantas, as pedras e o ar. O mundo está tão tranquilo. Ó espíritos! Deixem-me contar-vos tudo o que aconteceu naquela noite. Por mais ocupados que estejam, que venha pelo menos um de vocês ouvir-me. Sei que vivem no céu por cima da minha cabeça, que se sentam nas montanhas e na terra, nesta montanha silenciosa e nestas árvores, nestas ervas e rãs, nestas acácias e velhos ulmeiros. Ajoelhado aqui, perante os céus, com o coração como água cristalina, vou contar-vos tudo o que vi, testemunhei, ouvi e pensei. Vou contar-vos aqui, no topo desta montanha, todos os acontecimentos daquela noite como um fio de fumo libertado por um pau de incenso que queimo diante de vós e debaixo dos céus para provar que o que vos digo é verdade. Assim como uma erva que balança com o vento prova a existência da terra e o destino que esta lhe concedeu.

Agora, vou começar a divagar.

Por onde hei de começar?

Vou começar por aqui.

Vou começar por falar sobre mim, sobre a minha família e também sobre o nosso vizinho de então. Esse nosso vizinho não era um vizinho qualquer. Se calhar nem vão acreditar que morávamos na mesma aldeia, na mesma vila. Seja como for, ele era o nosso vizinho, e a minha família era vizinha da família dele.

Não foi a minha família que resolveu ser vizinha da dele, foram os antepassados e os céus que assim o decidiram. O meu vizinho chama-se Yan Lianke — esse mesmo, o autor Yan Lianke que escreve e pinta. O famoso Yan Lianke, que é muito mais conhecido do que o chefe da nossa vila, muito mais conhecido do que o presidente do concelho. A sua reputação é tão grande como uma melancia colocada num campo de sementes de sésamo, ou um camelo a pastar no meio de um rebanho de ovelhas.

Já eu, tenho uma reputação tão minúscula quanto um grão de poeira no meio de um monte de sementes de sésamo. Vivo como uma

lêndea nas costas de um camelo, de um boi ou de uma ovelha. Tenho catorze anos e chamo-me Li Niannian, mas todas as pessoas da nossa aldeia e da nossa vila me tratam por Niannian Idiota... Niannian Idiota. Apenas ele — o tio Lianke — me trata por pequeno Niannian quando me vê, ou por pequeno sobrinho. Pequeno sobrinho... Li Niannian. A nossa família não se limita a viver na mesma aldeia que ele, somos os seus vizinhos do lado sul. A aldeia em que vivemos chama-se Gaotian. Como a nossa aldeia tem várias ruas e um mercado, tem um edifício do governo, banco, correios e esquadra da polícia, na verdade é também uma vila. A aldeia chama-se Gaotian. A vila chama-se Gaotian. Ambas pertencem ao concelho de Zhaonan. Nem preciso de vos dizer porque já sabem que *a China se chama Zhongguo — ou “país do meio” — porque desde sempre que os chineses julgaram que a China estava no centro do mundo. A Planície Central também é assim chamada porque os seus habitantes achavam que ela se encontrava no centro da China.* Estas palavras não são minhas, foi o tio Yan que as escreveu num dos seus livros. *O nosso concelho fica no meio da Planície Central. A nossa aldeia fica no meio do concelho de Zhaonan. Por isso, a nossa aldeia, situada no centro da China, é também o centro do mundo.* Não faço ideia se estas palavras do tio Yan estão corretas, mas a verdade é que ainda não apareceu ninguém para o corrigir. Ele dizia ainda que *tudo o que escreveu ao longo da vida foi apenas para provar ao mundo inteiro que aquela aldeia e aquela terra eram o centro do mundo.* Mas agora, ele deixou de escrever. Há anos que já não escreve nada. A sua inspiração esgotou-se. A sua alma secou. Receio que tenha sido a escrita a fazê-lo chatear-se com o mundo e a querer partir para algures à procura de paz e sossego. Ao não conseguir escrever sobre os acontecimentos daquela noite, morreu como escritor. E como ser vivo, anda igualmente perdido. É por isso que, enquanto aqui estou ajoelhado, também vos quero pedir, ó espíritos! Buda e *Bodhisattvas!* Guan Yu e Kong Ming! Deus da Literatura, Li Bai e Du Fu! Sima Qian, Zhuangzi, Laozi e mais este e aqueloutro! Peço-vos que lhe deem alguma inspiração. Façam com que uma chuva de inspiração se abata sobre ele. Deixem-no viver como escritor. Façam com que consiga acabar de escrever a sua história *A Noite das Pessoas* em dois ou três dias.

Ó espíritos! Espíritos dos homens! Peço-vos que abençoem e protejam a nossa aldeia. Abençoem e protejam a nossa vila. Abençoem e protejam o escritor Yan Lianke. Já li muitos dos seus livros. Como somos vizinhos, peço-lhe sempre emprestados os livros que lhe enviam para casa assim que são publicados. *Tempo de Passagem*, *Água Dura*, *Beijar Lenin* e *Ode, Canto, Balada*. E ainda *A Aldeia do Sonho Ding* e *O Quarto Livro*. Devorei-os a todos do início ao fim, mas tenho de ser sincero convosco, ler os seus livros é como mandar os meus olhos irem colher um campo de ervas secas num deserto invernal, ou comerem fruta estragada e podre. No entanto, como não tenho outros livros, até em ervas secas e frutas podres consigo encontrar algum sabor. Quem me mandou a mim ser um pouco estúpido? Quem me mandou não ter boa cabeça? Quem me mandou ficar sem nada para fazer o dia todo depois de ter acabado a escola primária? Bons ou maus, os livros dele estão cheios de palavras e eu, mesmo sendo estúpido, adoro lê-las. É por isso que até já li várias vezes o *Calendário Perpétuo* para trás e para a frente, e consegui memorizar todos os ramos terrestres do sistema tradicional.

No início do outono, o tio Yan, com a intenção de escrever a história do que tinha acontecido na nossa vila naquela noite, voltou a partir para uma casa que tinha alugado perto da barragem a sul da vila. Uma casa tradicional com um pátio e três divisões, na qual se trancou como se de uma cela de prisão se tratasse. Contudo, apesar de lá ter passado dois meses inteiros, tudo o que obteve foi um chão repleto de papéis e tinteiros vazios, sem ter conseguido sequer escrever o início da história. Confrontado com a realidade dos acontecimentos daquele ano, daquele mês e daquele dia, ele, tal como eu aqui ajoelhado, ficou também sem saber por onde começar.

Sentiu-se desesperado com a sua escrita.

Sentiu-se desesperado com a ideia de continuar a viver sem ser capaz escrever. Uma vez, vi-o roer uma caneta até a despedaçar por completo e ficar com a boca cheia de pedacinhos de plástico crepitantes. A seguir, cuspiu tudo para cima da secretária e dos papéis à sua frente, e foi bater estrondosamente com a cabeça na parede mais próxima, como quem tem uma dor de cabeça tão intensa que acha

preferível morrer. Depois, começou a bater com o punho no peito, como se estivesse a tentar retirar o sangue do seu interior. As lágrimas escorriam como cachos de uvas pendurados no seu rosto, mas a inspiração, que nem um pardal morto, teimava em não levantar voo.

Naquela altura, eu costumava ir a cada dois dias dar uma volta até às ruínas do crematório à procura da pequena Juanzi, que tinha desaparecido. No caminho, visitava o tio Yan Lianke e levava-lhe alguns vegetais e massa, frutas, óleo e sal. Aproveitava também para lhe pedir alguns livros emprestados. Certo dia, quando lhe fui levar espinafres e molho de soja, encontrei-o parado à porta voltado para a encosta e para o lago junto à barragem, o seu rosto sem expressão assemelhava-se a um tijolo retirado de uma parede velha.

“Podes colocar os vegetais lá dentro.”

Sem sequer olhar para mim, a sua voz esvoaçou na minha direção como poeira que se solta de um tijolo. Passei por ele e fui deixar os vegetais na cozinha. Quando cheguei à divisão que ele usa como quarto e escritório para ir buscar *O Quarto Livro*, que eu queria ler, reparei que o chão daquele quarto rodeado de paredes de tijolo cinzento estava coberto de bolas de papel feitas a partir das folhas que ele usara para escrever, e que depois rasgara e deitara fora. Era como se alguém com uma doença incurável tivesse cuspidido muco até cobrir o chão por inteiro. Foi então que percebi que ele tinha perdido a inspiração, que a sua alma tinha secado. Sem conseguir escrever a história que queria, ficou transtornado ao ponto de querer morrer. Espantado, saí do quarto e encontrei-o lá fora a andar sozinho em direção ao lago, como uma alma que caminha para o cemitério. Foi nesse preciso momento que decidi percorrer este caminho de cinquenta e seis *li* e subir até ao cimo desta montanha. Pela nossa aldeia. Pela nossa vila. É pela nossa terra e pelas pessoas que nela vivem, e também pelo tio Yan Lianke, que vos quero contar tudo o que aconteceu naquela noite. Peço-vos, ó espíritos! Abençoem e protejam a nossa aldeia, a nossa vila e a nossa gente. Abençoem e protejam as nossas noites e os nossos dias. Abençoem e protejam cada gato e cada cão da nossa vila. Abençoem e protejam o escritor Yan Lianke, a quem a tinta e a caneta secaram. Deem-lhe inspiração e clarividência divina. Deem-lhe uma fonte inesgotável de tinta e

papel celestiais. Deixem-no continuar a escrever e a viver. Façam com que acabe de escrever a história *A Noite das Pessoas* em dois ou três dias e com que todos os membros da minha família sejam retratados no seu livro como boas pessoas.